

Para sertanista, morte dos araras foi inevitável

ELIANA LUCENA
Da sucursal de BRASÍLIA

O sertanista Sidney Possuelo, responsável pela atração dos índios araras, em fevereiro de 1981, afirmou, em Brasília, que os sete índios que morreram em consequência do surto de gripe que atingiu a tribo há dois meses arcam com "o custo final do processo de ocupação de nossa sociedade que, na sua expansão, nem sempre tem considerado os direitos básicos dos povos indígenas". Segundo ele, não houve omissão da Funai no atendimento à tribo. Os índios sofreram o contágio em Altamira, onde estiveram em fevereiro, apesar da tentativa dos funcionários de evitar que os araras visitassem a cidade.

"É muito difícil acusar a Funai de deixar que índios recém-contatados, sem resistência a doenças comuns ao branco, como a gripe, saiam de suas reservas. A curiosidade do índio em conhecer o mundo do branco é muito grande, e no caso dos araras, quando foi impedida a primeira visita a Altamira, os mateiros da Funai foram ameaçados com pedras pelos indígenas. Dessa forma — acentuou — nós mesmos promovemos a visita à cidade, para evitar que eles fossem sozinhos."

O sertanista contou que no dia 17 de janeiro um grupo de quatro índios — Paratá, Toti e sua mulher Coré, além do filho — seguiram com decisão pela estrada dispostos a visitar Altamira. "Não foi possível movê-los dessa ideia — explicou Sidney — por isso, permitimos que eles saíssem da reserva acompanhados por dois mateiros. O grupo retornou ao posto no dia 20 e, em seguida, pela primeira vez, os índios nos convidaram para conhecer a sua aldeia e pediram para novamente visitar Altamira. Sendo inútil qualquer tentativa de detê-los, resolvemos organizar a visita. Inicialmente, 28 índios foram à cidade e, depois, mais oito. No dia 23 de fevereiro, todos estavam de volta ao posto e não havia sinal de gripe."

Sidney Possuelo contou que no dia 25 apareceram os primeiros sinais de gripe e os índios que estavam no posto foram medicados. A preocupação maior passou a ser com os que tinham retornado à mata. Várias equipes foram formadas para buscar um contato com estes índios, pois não se sabia se estavam doentes.

"Dois grupos foram localizados — afirmou o sertanista. Todos estavam doentes e enfraquecidos a tal ponto que vários foram transportados nas costas pelos mateiros, em penosa caminhada até a sede do posto de atração. As famílias chefiadas pelo índio Capó, no entanto, não foram localizadas. As buscas prosseguiram e, finalmente, encontramos o grupo de 16 pessoas numa aldeia abandonada. Seis índios haviam morrido e uma criança foi encontrada com vida ao lado do cadáver de sua mãe. O grupo foi removido de helicóptero para o posto, onde alojamos 50 índios, todos eles com problemas bronco-pulmonares. No posto morreu mais uma criança mas, ao que tudo indica, sua morte ocorreu em consequência de problemas na pele que não pudemos diagnosticar."

Sidney disse que foi difícil medicar os índios, que não aceitavam tomar as injeções e medicamentos via oral. "Alguns chegaram a dar tapas e pontapés quando tentávamos aplicar as injeções. Esta recusa, quase geral — afirmou — retrata bem a impossibilidade de vaciná-los, nos primeiros contatos com a frente de atração da Funai, quando ainda estão gozando de boa saúde. "No caso dos Araras, o sertanista contou que mesmo depois de aceitar os remédios, os índios tão logo se sentiam melhor interrompiam o tratamento e novamente recaíam doentes. Sertanista experiente, pois participou de cinco atrações de tribos ainda isoladas, Sidney acreditava que os ara-

ras tinham chance de passar pela fase dos contágios sem perdas humanas, em face das medidas preventivas adotadas pela frente de atração que chegou a vacinar toda a população branca que vive na região próxima à área indígena, bem como os funcionários da Funai que eram afastados da região sempre que apresentavam qualquer problema de saúde. "No entanto — acentuou — as perdas humanas foram inevitáveis, principalmente pelo fato de os índios estarem espalhados em grupos na mata, dificultando a assistência. Os índios que estavam no posto, por sua vez, não quiseram nos ajudar a encontrar os grupos que estavam dispersos na floresta."

O CONTATO

Embora tenham entrado em contato com a Funai somente em 1981, os araras tiveram encontros esporádicos com o branco desde 1853, quase todos desastrosos para os índios. Foram perseguidos por seringueiros, tornando-se arredios a qualquer contato com o branco.

Com a abertura da Transamazônica, os índios sentiram-se mais acudados, pois a estrada dividiu os araras em dois grupos. Duas famílias, ainda sem contato com a Funai, permanecem na parte Norte da estrada na altura do km 80 e na parte Sul está o restante do grupo, que entrou em contato com Sidney Possuelo, entre os km 80 e 190.

A partir dessa época, os araras atacaram as frentes de atração da Funai ferindo sertanistas e mataram, em 1976, três funcionários da CPRM — Comissão de Pesquisa e Recursos Minerais. A frente esteve desativada por um período até que, em novembro de 1979, o sertanista Sidney Possuelo foi chamado para prosseguir o trabalho de atração.

Os araras estavam também prejudicando os trabalhos da Cooperativa Cotrijuí que, em 1974, conseguiu a concessão de terras públicas na área de perambulação dos índios, num total de 393.160 hectares. O Inera tentou junto à Funai uma solução para o problema, sugerindo que os índios fossem contatados e transferidos para outro local. A situação acabou ficando difícil para a Cotrijuí, que se retirou da área, embora parte do projeto já tivesse sido implantado. Quando assumiu a direção da frente, Sidney Possuelo, depois de realizar amplo levantamento da situação, apresentou um programa à Funai colocando como prioritário não o contato, mas a garantia das terras dos araras. O próprio comandante do 51º Batalhão de Infantaria da Selva, coronel Paulo Isias — afirma Sidney —, estava preocupado com a situação dos índios e alertou à Funai para a necessidade de protegê-los, pois, segundo ele, estavam acudados, perseguidos e desorientados com a invasão de suas terras.

"Seguindo esta diretriz — prosseguiu Sidney — montamos os postos e retiramos as famílias que estavam ocupando a área. Em fevereiro do ano passado, os índios finalmente apareceram após um longo 'namoro', com troca de brindes que colocávamos em tapiris ou em aldeias abandonadas."

Sidney Possuelo acha que a atração de índios não deveria ser feita no momento em que os grupos isolados se sentem cercados pelo branco, o que dificulta o contato. "As atrações realizadas nos últimos anos — disse — foram difíceis e algumas não chegaram a ser consolidadas, como a dos Vaimiri-atroari. Na minha opinião, a Funai deveria garantir as terras dos índios ainda sem contato e deixar na área uma equipe que promoveria, sem pressa, sua aproximação."

Sobre o futuro do índio no Brasil, ressaltou que "acredita na integração com a preservação dos valores culturais do indígena" mas é difícil falar do seu futuro quando não sabemos sequer do futuro da nossa civilização".

10 mil ainda sem contato

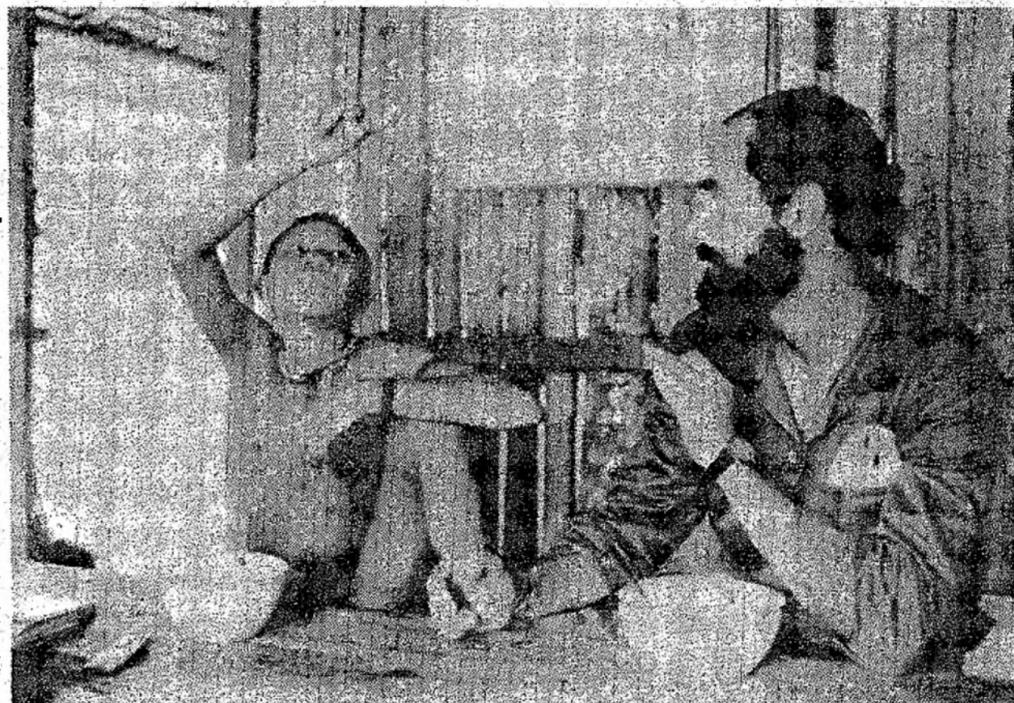
A Funai calcula que existam, atualmente no Brasil, cerca de dez mil índios ainda sem contato com a civilização ou em fase de atração pelas equipes de sertanistas. No momento são mantidas pela Funai dez frentes de atração, inclusive uma no Estado do Maranhão, onde ainda permanecem sem contato com índios da tribo dos guajá. Os outros 150 guajás já foram atraídos pelo sertanista Sidney Possuelo.

No Amazonas, entre 1.100 e 1.300 índios vaimiri-atroari estão em fase de atração, um trabalho difícil, pois os índios por diversas vezes, aceitaram a aproximação para, em seguida, massacrar a expedição, como aconteceu com o grupo chefiado pelo padre Calteri e com o sertanista Gilberto Pinto. A frente de atração dos marubó — 50 índios isolados —, também no Amazonas, está atualmente desativada. Estes índios são arredios e já aceitaram alguns contatos que não foram consolidados.

No Amazonas e no Território de Roraima vivem os índios yanomamis, grande parte ainda sem contato com a civilização. Somente na divisa do Amazonas com Roraima a Funai fala na existência de dois mil isolados. Ao todo, existem cerca de 8.500 yanomamis nessa região, que constituem o maior grupo indígena do Brasil.

Em Goiás vivem 50 índios avá-canoeiros, que já foram contatados pelo sertanista Apoená Metrelles, mas mantêm apenas encontros esporádicos com a frente de atração da Funai na área. Em Rondônia são três as frentes de atração: a dos índios uru-eu-uau-uau, um grupo de 200 a 300 índios que mantêm contatos esporádicos com a frente; a de zoró — 130 a 180 índios — já em contato permanente com os sertanistas; e a frente caripuna, responsável pela atração de 60 índios que estão em fase de contato intermitente.

A orientação da Funai é de lançar expedições de atração nas áreas onde os índios já estão sendo ameaçados com a aproximação de frentes de colonização.



Sidney Possuelo afirma que foi impossível impedir a ida dos araras a Altamira

Foto: Rita Carneiro - Telefoto Estado